



## COLÓQUIO FEIRA DE GRÂNDOLA 2016

Versão 27 de julho de 2016

### SOBRE O MONTADO E A CORTIÇA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

#### **ORGANIZAÇÃO:**

Colégio F3 – Food, Farming and Forestry (F3) da Universidade de Lisboa & Câmara Municipal de Grândola

#### **MODERADORES:**

Margarida Santos-Reis (Universidade de Lisboa) & *a anunciar* (Câmara Municipal de Grândola)

### **Da monarquia à república: Jacinto Nunes e a questão corticeira**

Teresa Maria e Sousa Nunes

Centro de História  
Faculdade de Letras  
Universidade de Lisboa  
[sousa.nunes@sapo.pt](mailto:sousa.nunes@sapo.pt)

A revisão das políticas alfandegárias, ocorrida a partir da década de 70 de Oitocentos na Europa, à semelhança do espaço extra-europeu, garantia à questão corticeira um cunho de urgência nacional, evidente no discurso político de monárquicos e republicanos. Implantada a República, a querela manteve-se e cedo se evidenciou o confronto entre soluções diferenciadas sobre as fórmulas de valorização da cortiça portuguesa.

O objecto desta apresentação incide sobre a intervenção de José Jacinto Nunes (1839-1931) na temática supra. Republicano histórico, com assento parlamentar em 1893 pelo círculo de Lisboa, e presidente da Câmara Municipal de Grândola, um bastião do Republicanismo em Portugal antes da implantação da República, José Jacinto Nunes salientou-se pela defesa intransigente da



descentralização administrativa enquanto mecanismo propulsor do desenvolvimento local, em particular nas áreas rurais. Membro da Câmara dos Deputados em 1911, evidenciou estas convicções a par da crítica acérrima ao Governo Provisório pela manutenção das orientações monárquicas respeitantes à exportação corticeiras portuguesa.

## **Transferência de conhecimento entre a investigação e a prática permite melhorar a produção de cortiça e a formação do preço da cortiça**

Margarida Tomé<sup>1</sup>, Joana A. Paulo<sup>1</sup>, João H.N. Palma<sup>1</sup>, Sónia P. Faias<sup>1</sup>, Conceição S. Silva<sup>2</sup>, Isabel  
Melo<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Centro de Estudos Florestais, ISA, Tapada da Ajuda, 1349-017, Lisboa

<sup>2</sup>APFC, Rua dos Guerreiros, 54, 2100-183 Coruche

<sup>3</sup>ACHAR, Rua Direita de S. Pedro, 152, 2140-098 Chamusca  
[magatome@isa.ulisboa.pt](mailto:magatome@isa.ulisboa.pt)

A colaboração entre a investigação no Centro de Estudos Florestais e a prática com o objectivo de melhorar a gestão e produção dos montados de sobro em Portugal intensificou-se a partir dos anos 90, centrando-se particularmente na melhoria do esquema de amostragem de inventário florestal (inventário da qualidade da cortiça) e no desenvolvimento de ferramentas para suporte à gestão, nomeadamente modelos de crescimento e de produção. A investigação cujos resultados se apresentam foi orientada para a resolução de problemas concretos dos produtores florestais e realizada em estreita colaboração com as Associações respetivas.

O primeiro resultado desta colaboração foi o desenvolvimento de um novo delineamento para a amostragem da qualidade da cortiça, inicialmente realizada com base na amostragem de árvores isoladas ao longo de um transecto em zig-zag. A amostragem é hoje em dia realizada, com vantagens económicas e de precisão, com base numa amostragem sistemática de grupos



de 5-7 árvores, recomendando-se um mínimo de 20 grupos por povoamento (mínimo de 100 árvores e calas de cortiça amostradas). A medição da distância do centro do grupo à árvore mais afastada, combinada com medições dendrométricas das árvores, permite a caracterização do povoamento e a subsequente utilização do modelo SUBER – disponível em [www.isa.ulisboa.pt/cef/forchange/fctools/pt](http://www.isa.ulisboa.pt/cef/forchange/fctools/pt) – para a simulação da evolução do povoamento quando gerido por métodos alternativos.

Recentemente foi desenvolvida uma nova ferramenta – webCorky (disponível através do mesmo site) – que permite analisar, a partir dos resultados de uma amostragem do calibre e da qualidade da cortiça, o preço atual da cortiça, bem como uma previsão do preço perante a decisão de adiar o descortiçamento 1, 2 ou mais anos. Esta ferramenta pode ser utilizada com uma amostragem realizada 1 ou 2 anos antes da data prevista para a extração da cortiça e, assim, ajudar o proprietário na tomada de decisão relativamente ao ano para efetuar a extração da cortiça.

## **A cortiça como material: uma história longa com um futuro promissor**

José Graça

Centro de Estudos Florestais  
Instituto Superior de Agronomia  
Universidade de Lisboa  
[jograca@isa.ulisboa.pt](mailto:jograca@isa.ulisboa.pt)

A cortiça apresenta enquanto material um conjunto de propriedades tecnológicas muito alargado que a tornam num material único. Estas propriedades decorrem das suas células – sua forma, dimensões e arranjo espacial, assim como da natureza química e estrutura à escala nanométrica das suas paredes celulares. Estas propriedades tornaram a cortiça um material procurado e utilizado desde o início das civilizações humanas na bacia mediterrânica, até produtos que hoje nos são muito familiares como as rolhas de vinho. Há no entanto um grande número de utilizações da cortiça menos conhecidas, que vão desde artigos desportivos, até compósitos para escudos térmicos utilizados nos veículos espaciais. Para muitas destas



utilizações não existem materiais sucedâneos, nem naturais nem sintéticos. Nos últimos anos tem explodido o número de produtos de cortiça como acessórios de roupa, objectos de arte e de design, mobiliário, etc., que tiram partido da sua aparência estética. Contudo, os produtos à base de cortiça mais promissores no futuro próximo poderão ser obtidos a partir dos seus compostos químicos, dando origem a materiais com propriedades excepcionais de muito elevado valor acrescentado.

## **Biodiversidade, serviços de ecossistema e a sustentabilidade do Montado: uma abordagem socio-ecológica de longo-prazo**

Margarida Santos-Reis

Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais  
Faculdade de Ciências  
Universidade de Lisboa  
[mmreis@fc.ul.pt](mailto:mmreis@fc.ul.pt)

Muitos processos ecológicos exibem uma elevada variabilidade inter-anual e uma susceptibilidade a eventos de perturbação raros ou episódicos, ambos impossíveis de detectar com observações de curto prazo. Isto é particularmente verdade em ecossistemas muito dinâmicos, em que a variabilidade é devida à imprevisibilidade do clima, à forte influência humana ou a uma combinação de ambas, como é o caso do montado. Compreender como o montado funciona, e qual a sua capacidade de fornecer serviços de ecossistemas e responder às alterações no uso do solo, sob o cenário de desertificação previsto pelos modelos alterações climáticas, é uma questão crucial para a sustentabilidade de um sistema cuja relevância ecológica, social e económica é muito elevada.

A importância social e económica do montado está bem documentada e é reconhecida pela sociedade em geral, mas a consciência de que o montado presta outros benefícios, nomeadamente enquanto repositório de biodiversidade associada a uma elevada diversidade de serviços de ecossistema, é ainda limitada. Estas funções não produtivas não são igualmente



percecionadas e valorizadas pelos utilizadores, e tendem a estar em conflito com as produtivas.

As mudanças ambientais (clima, uso ou degradação do solo, desertificação) e sociais (abandono rural, turismo), sobre as quais se sobrepõem as tendências económicas (por exemplo, mudanças de política da UE), ameaçam as práticas tradicionais de gestão, que estão na base dos benefícios providenciados pelo montado e são essenciais para a sua sustentabilidade. Este é o mote para a apresentação que resume o conhecimento que a equipe de investigação do cE3c tem gradualmente ajudado a construir sobre a estrutura e funcionamento dos montados, com foco na biodiversidade e serviços por esta providenciados e na necessidade de uma abordagem de longo-prazo.